

Arquivo
ISA
CEDI

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Data

/

/

Cod. 04000058

A LUTA DOS SERINGUEIROS EM DEFESA DA AMAZONIA

INTRODUÇÃO:

A Amazônia, há séculos, desperta curiosidade e interesse no mundo todo. Foram centenas os que adentraram aquela região comandando praticamente desde o descobrimento do Brasil, expedições à busca de riqueza fácil. Essa busca gerou para a região um fluxo migratório cada vez maior. Muitos iam e não voltavam, despertando cada vez mais a curiosidade. Outros iam e voltavam contando maravilhas, aguçando ainda mais esse sentimento.

Os seringueiros começaram a adentrar a Amazônia a partir de meados do século passado e desde essa época ocupam-na e a fazem produzir economicamente sem destruí-la.

A presença dos seringueiros tornou-se mais importante na região a partir da demanda da borracha natural, antes produzida somente nessa parte do planeta, com a revolução industrial e a descoberta do processo de vulcanização, por Dunlop.

Com a entrada no mercado da borracha natural produzida a partir dos cultivos desenvolvidos pelos ingleses na Malásia e sudeste asiático, os seringueiros foram jogados na primeira grande crise, por volta de 1912.

Durante a segunda guerra, novamente valorizou-se a produção de borracha da Amazônia, em virtude do fechamento dos portos da região asiática, dominada pelos japoneses. Criou-se, então, a figura do "soldado da borracha", com o deslocamento de milhares de brasileiros do nordeste para a reocupação dos seringais da Amazônia brasileira, praticamente esvaziados em função da pouca demanda de borracha da região desde 1912.

Historicamente, foram os seringueiros que conseguiram anexar o território do hoje Estado do Acre ao Brasil. Essa parcela de terra pertencia a Bolívia e, no que se denominou a "renovação acreana", onde os soldados eram seringueiros, comandados por seringalistas, aquela porção de território foi anexada ao Brasil.

É bem verdade que todo esse processo de "ocupação" da Amazônia sempre foi extremamente danoso para a população regional: os índios, que foram paulatinamente "empurrados" para as áreas mais distantes, além de verdadeiros massacres promovidos pelos pretensos grandes proprietários de terras na região, com as chamadas "correrias".

SERINGUEIROS: A LUTA PELA FLORESTA...A LUTA PELA VIDA!

O seringueiros, desde os primórdios de sua ocupação da Amazônia, sempre a usaram e a fizeram produzir sem destruí-la.

A grande desvantagem dos seringueiros era de que, em função de uma situação de extrema sujeição aos "patrões", acabavam tendo de vender sua produção a preços baixíssimos, ao mesmo tempo em que compravam mercadorias a preços expropriativos.

Ressalte-se que uma das proibições aos seringueiros, que ainda hoje persiste nas regiões em que há "sujeição ao patrão", é a de não implantar roçados, mesmo de subsistência. Essa era uma forma de os patrões garantirem a total dependência dos seringueiros para com os donos de seringais, além de comprometer o seringueiro para a compra de praticamente tudo o que precisava.

Mais recentemente, a partir de um trabalho de "libertação" dos seringueiros, com a organização sindical que foi chegando à região amazônica, já na década de 70, os seringueiros de toda uma região, a do Vale do rio Acre, no Estado do Acre passaram a ser "seringueiros libertos", com o direito de desenvolverem sua agricultura, seguindo já uma certa prática desenvolvida na época do declínio dos seringais, quando os próprios patrões passaram a incentivar uma certa agricultura, vez que eles não conseguiam mais suprir os seringueiros de todos os gêneros, pois as "casas aviadoras" não mais forneciam mercadorias em grandes quantidades aos seringalistas.

A prática da pequena agricultura, incrementada com o advento da organização sindical, ao contrário de ser predatória, desenvolveu-se, sempre com a busca do equilíbrio e o extremo respeito à seringueira e à castanheira, principalmente.

Com a política do "integrar para não entregar", desenvolvida no início da década de 70, no governo militar de Médici, promoveu-se e continua-se promovendo, uma verdadeira corrente de migração de milhares de sem terras do centro-sul do país para a Amazônia, incrementando-se a devastação florestal da região.

Todo esse fluxo teve, ainda, para os seringueiros, drásticas consequências; com a venda dos seringais tradicionais para grandes grupos empresariais do centro-sul, interessados na terra apenas para a especulação imobiliária, para tal devendo toda ela estar livre de possíveis posseiros; toda uma prática de expulsão, na maioria das vezes violenta, dos seringueiros ou para as periferias urbanas ou para a Bolívia, onde hoje existe um número impreciso e trabalhadores brasileiros nos seringais, vez que nem o governo boliviano consegue, hoje, precisar quantos mil brasileiros ocupam as áreas de produção de borracha naquele país. Uns falam em 15 mil famílias, outros em 40 mil pessoas, outros em 10 mil famílias. Enfim, essa população é ESTATISTICAMENTE INEXISTENTE. Sabe-se, apenas, que são milhares de brasileiros que vivem, inclusive, como clandestinos na Bolívia, em condições sub-humanas e de extrema exploração.

Na luta em defesa do direito de continuarem seringueiros, muitos foram mortos, tanto no início da década de 70, quanto na de 80, quando os conflitos acirraram-se ainda mais.

Em Xapuri, este ano um trabalhador foi assassinado em emboscada e outros dois seringueiros foram feridos num atentado à bala na sede do IBDF, em maio.

AS PROPOSTAS DOS SERINGUEIROS

Em 1985 os seringueiros da Amazônia, pela primeira vez reuniram-se num encontro nacional, que durou uma semana e foi realizado em Brasília. A partir desse encontro os seringueiros criaram o Conselho Nacional de Seringueiros e lançaram uma bandeira de luta que direcionou todos os trabalhos até agora: a implantação imediata das RESERVAS EXTRATIVISTAS. A partir dessa proposta, hoje já muito detalhada, os seringueiros querem defender o direito de continuarem sendo seringueiros e de defenderem a floresta amazônica.

As Reservas Extrativistas, conforme definem os próprios seringueiros são áreas de propriedade da União, com direito de usufruto garantido aos ocupantes dessas áreas, garantindo-se, assim a integridade territorial, além de evitar atividades danosas ao meio ambiente.

As Reservas Extrativistas garantem ainda, o direito dos seringueiros à educação, à saúde e ao lazer, bem como, a comercialização da produção e, mesmo a diversificação da mesma, com melhor aproveitamento do potencial da floresta, tanto no que diz respeito à produtos florestais, como ervas medicinais, óleos vegetais, etc. O mais importante agora, é garantir a floresta como área imune à penetração destrutiva dos grandes grupos empresariais, principalmente os interessados em madeira, que já devasraram 25% do território de Rondônia em menos de 10 anos. A pecuária também tem se mostrado uma atividade extremamente predatória e que não remunera os que "investem" nessa atividade, sendo somente lucrativa pelos grandes incentivos e facilidades creditícias dos órgãos governamentais responsáveis pelo "desenvolvimento" regional (SUDAM, SUFRAMA, etc.).

Outro ponto importante a ressaltar é que devem, imediatamente, ser DEMARCADAS AS TERRAS INDÍGENAS, mesmo as localizadas em áreas de fronteira, e a não transformação das mesmas em "Colônicas Indígenas", como quer o Conselho de Segurança Nacional. Isso implica na imediata suspensão do Projeto Calha Norte.

O apoio às atividades cooperativas é da maior importância para a viabilização econômica dos seringueiros, bem como das próprias Reservas Extrativistas.

O desenvolvimento de pesquisa sobre o potencial da floresta, bem como as melhores e não predatórias formas de sua utilização, além da garantia de mercado aos produtos florestais são, também, da maior importância para os seringueiros. É preciso investir nisso. A garantia da proibição de quaisquer atividades predatórias na região, bem como a efetiva suspensão DEFINITIVA, aos financiamentos e incentivos oficiais a essas atividades são fundamentais para que se minimize o processo de destruição acelerada da Amazônia. O "progresso" que se apregoa deve respeitar as peculiaridades e populações regionais.

Os financiamentos externos devem ser colocados sob o controle das populações de seringueiros e índios da região normalmente os mais atingidos por tais financiamentos.

A integração macroregional tão apregoada também deve ser analisada do prisma das populações regionais que a consideram importante, mas que acham que essa integração não necessariamente começa por abertura de rodovias, como querem os governantes.

É preciso olhar com muita preocupação o interesse do Japão em investir milhares de dólares na região... Todos sabem que esse país é um dos maiores consumidores de madeiras tropicais do mundo!

Francisco Alves Mendes Filho